

**FOGE, FOGE, VOCÊ TÁ NO PAU!
O VOCABULÁRIO PARONÍMICO NO CARNAVAL DA BAHIA**

Celina Márcia de Souza Abbade (UNEB/UCSAL)¹
celinabbade@gmail.com

1. Apresentação

A linguagem faz parte da história do homem e esse fato é inegável e incontestável. Essa linguagem pode ser expressa por palavras e essas palavras irão constituir o sistema lexical de uma língua e, conseqüentemente, de um povo. Assim, estudar o léxico de uma língua é estudar também a história do povo que a utiliza. As mudanças no léxico estão sempre relacionadas às mudanças políticas e culturais: “A mudança linguística tem, efetivamente, uma causa eficiente, que é a liberdade linguística, e uma razão universal, que é a finalidade expressiva (e comunicativa) dos falantes”. (COSERIU, 1979; p. 175-176).

A história de um povo revela a história de sua formação linguística. Em outras palavras, podemos dizer que as questões políticas, econômicas e sociais que envolvem o surgimento de um povo, irão delinear o seu caminho linguístico. A língua é o seu mais fiel retrato social e cultural. Sabemos de onde é uma pessoa no momento em que ela começa a falar. E essa mesma língua que distingue as nações, distingue também condições sociais, culturais, regionais... Mesmo existindo uma unidade linguística, há diversidade nessa unidade no momento em que a língua é realizada nas mais divergentes situações, lugares ou épocas.

O português que herdamos dos europeus, é uma mistura de substratos e superstratos diversos. Em cada parte do nosso país, o português toma uma roupagem específica.

A língua portuguesa é uma língua românica que como tal tem o privilégio de conhecer a sua origem. Sabemos que o português é oriundo de um latim que foi falado e expandido a partir do Império Romano. Foram os romanos quem levaram esse latim por diversas regiões até ele

¹ Doutora e Mestre em Letras pela Universidade Federal da Bahia-UFBA. Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia- UNEB atuando no Programa de Pós-Graduação em Língua e Linguagens - PPGEL e no *campus* XIV desta instituição. Professora Adjunta de Filologia Românica da Universidade Católica do Salvador-UCSAL. Sócia de várias associações científicas como a ABRALIN, ABREM, GELNE, CIFEFIL, e sócia-correspondente da Academia Brasileira de Filologia.

chegar ao Brasil, através dos portugueses, povos anteriormente romanizados.

No Brasil, o português se miscigenou com diversas outras línguas e se expandiu por inúmeras regiões, deixando traços específicos e distintos em cada uma delas. Esses traços e distinções vêm sendo estudados pelos cientistas da língua que percorrem diversas perspectivas para entender e explicar essas variações, assim como os traços conservadores da mesma.

A Bahia, enquanto berço da formação linguística brasileira, tem as suas características específicas em diversos aspectos da língua. O presente artigo limita-se a abordar questões semânticas no que concerne a identidade fônica, mas especificamente, os casos e paronímias que veem sendo utilizadas nas músicas carnavalescas baianas para tornar permitido o “proibido”. Utilizando-se das semelhanças fônicas de uma palavra, as músicas são criadas com uma lexia para serem cantadas por outra que estabeleça relação de semelhança de pronúncia. Assim, palavras de baixo calão são confundidas com palavras usuais porque o discurso intencional das letras desse gênero musical nos leva à dupla possibilidade de interpretação e realização linguística das mesmas.

O *corpus* que serviu como referência foi a música eleita neste ano como a melhor do carnaval baiano: *Liga da Justiça* de um grupo formado por onze componentes, também baiano, o “LevaNóiz”. A partir da letra dessa música, tentar-se-á demonstrar o quanto se pode transgredir as regras sociais a partir da combinação de sons de palavras que se unem por semelhança e se confundem por significação no discurso.

Assim como a língua que passa por preconceitos diversos quando negamos a fala popular, a música também é discriminada se atinge a população em massa. É claro que esse tipo de música não é aceito socialmente por uma parte da população, sendo até “negada” enquanto música por alguns. Mas certo também é o seu sucesso entre a população geral atingindo altos índices de audiência por onde é cantada.

Apesar do amplo e discutido conceito para música, entende-se aqui a música como a “arte ou ciência de combinar os sons de modo a agradar os ouvidos” (AURÉLIO, 1986). Esse conceito poderá incomodar a muitos que não consideram o pagode como música, até porque “agradar aos ouvidos” envolve uma série de fatores, mas o objetivo aqui não é discutir o valor ou conceito musical, e sim o de demonstrar como a combinação de sons, aliada à riqueza linguística que nos cerca, pode fazer um

significado ter outro a partir do jogo de palavras que se entrecruzam por relações paronímicas. Até porque, a música com sua combinação de sons, contém também a língua a partir de suas letras e é essa o nosso foco maior.

2. *A música a serviço da língua*

Desde, pelo menos, o século VI a.C., tem-se conhecimento da existência da língua latina. As inscrições mais antigas em latim que se tem conhecimento datam dessa época. Há pelo menos dois milênios a.C., o latim era apenas uma das línguas itálicas faladas na Itália central. O latim era a língua da região conhecida como *Latium*, da qual Roma era uma das cidades dessa região. O poder desse povo levou a formação de um dos maiores impérios que a humanidade já conheceu e a sua língua se expandiu por quase todo o mundo ocidental conhecido à época.

Quanto à música, estudos arqueológicos demonstram que, desde a arte rupestre, desenhos mostravam pessoas e grupos parecendo cantar, dançar ou tocar instrumentos. O historiador da música, Roland de Candé (2001) propõe uma sequência da história da música de acordo com os períodos da história da humanidade, indo desde os primórdios musicais com batidas de bastões, percussão corporal e objetos entrecrocados, passando por gritos e imitação de sons da natureza, chegando ao período paleolítico com o desenvolvimento do controle da altura, intensidade e timbre da voz por volta de 70.000 a 50.000 anos atrás. Em seguida, dar-se a cerca de 40.000 anos atrás, a criação dos primeiros instrumentos musicais para imitar os sons da natureza e o desenvolvimento da linguagem falada e do canto. Na sequência são criados instrumentos mais controláveis, feitos de pedra, madeira e ossos chegando ao período neolítico (a partir de cerca de 9.000 a.C) com a criação de membranofones e cordofones, após o desenvolvimento de ferramentas, surgindo assim os primeiros instrumentos afináveis. A cerca de 5.000 a.C ocorre o desenvolvimento da metalurgia e são criados os instrumentos de cobre e bronze permitindo execuções mais sofisticadas. A organização dos povos em aldeias e o desenvolvimento na agricultura permitem que uma parte da população possa se desligar dessas atividades, levando assim ao surgimento das primeiras civilizações musicais com sistemas próprios, ou seja, com escalas e harmonia. Assim, às margens de rios e regiões férteis (Ásia Central, Jordão, Mesopotâmia, Índia, Egito, China), vão surgindo as primeiras civilizações musicais. Da Idade Antiga em diante, a expansão dos

estilos musicais foi tanta que foi necessário subdividir o estudo da história da música por continentes e nações.

Enfim, o jogo de ritmos, melodias e harmonias que compõem a música, vêm se modificando ao longo dos tempos. Atualmente não conhecemos civilização que não possua manifestações musicais próprias e cada povo expressa sua música de acordo com a sua história.

Longe de se querer fazer aqui um estudo da música de uma região, queremos apenas refletir um pouco acerca dessa arte chamada música que tanto retrata a história de um povo.

Do gr. *mousiké ou mousichá* ‘a arte das musas’, para o lat. ‘*musica*’, a música, considerada uma prática cultural e humana, é definida no dicionário mais popular brasileiro, o Aurélio, como “Arte e ciência de combinar sons de modo agradável ao ouvido” (FERREIRA, 1986). Logo pela definição dicionarizada, podemos ver o quanto é abstrata essa definição. O que eu considero agradável ao ouvido será o mesmo som que todas as pessoas chamariam de agradável? Se assim fosse, não teríamos as nossas “escolhas musicais”. Vale lembrar aqui também que esse conceito de agradável ou não vai depender muito da época, do povo, de seus costumes e hábitos sociais e culturais. Em cada período da história, em cada nação, em cada comunidade, em cada faixa etária, existe um tipo musical mais ou menos agradável. Logo, apesar de parecer óbvio, a definição de música não é tarefa fácil devido a amplitude de significados que envolvem essa arte. Se perguntarmos a qualquer criança se ela sabe o que é música, com certeza nenhuma delas hesitaria em confirmar. No entanto, apesar da música ser quase parte da alma humana, sendo conhecida intuitivamente por todos, é difícil uma definição abranger todos os significados dessa prática. Mas não podemos negar que a música é uma forma de linguagem, utilizada para expressar sentimentos, pensamentos, ideais, crenças... Essa linguagem é transmitida a partir de uma combinação de sons e silêncios seguindo sequências simultâneas ou sucessivas, combinando elementos sonoros perceptíveis pela audição.

Na Bahia, terra que sempre se destacou no cenário nacional e, porque não dizer mundial pelas suas inovações musicais, rítmicas e artísticas, não poderia ser diferente. O povo baiano, cheio de ginga herdada do negro, não perdeu o jeito festeiro e ritualístico indígena. Dos europeus, herdou a língua outrora imposta, agora tão amada. Nessa mistura de culturas e povos, o baiano coloca pimenta no seu falar, embalando algumas palavras ao som do balançar das redes à beira mar... Os traços

marcantes de um povo singular, dentro de uma cultura plural, fazem surgir um falar que só a baiana (e o baiano) têm. A partir do léxico de uma das mais marcantes manifestações culturais, o carnaval e suas músicas, buscou-se aqui demonstrar um pouco de como esse povo se expressa nessa arte, partindo de um jogo sonoro, em que “brincar” com as palavras, torna o texto com duplo sentido.

A música baiana sempre teve presença marcante no cenário cultural nacional. Aliás, o povo baiano, como dito por ele mesmo, “não nasce, estreia!¹”. A força cultural nesse povo é muito marcante e predominante. Conforme nos diz Dourado² no site da SBPC Cultural de 2011³:

A cultura popular brasileira e baiana são ricas, é tudo exuberante. Nós somos tropicais, as coisas são coloridas, as pessoas gritam, se movimentam, falam alto, riem muito, a música tem muitas notas, tem uma sensualidade latente e manifesta. A cultura brasileira é assim, exagerada, destrambelhada. (DOURADO, 2011)

2.1. A música carnavalesca baiana

O carnaval da Bahia, pelo menos desde a década de cinquenta tem as suas características peculiares com as guitarras baianas⁴ de Dodô e Osmar, tocadas sobre a fubica, ao ritmo do frevo pernambucano. Nascia assim o trio elétrico que hoje faz parte do cenário mundial, pois a Bahia levou o seu carnaval para todo o Brasil, se expandindo pelo mundo. Surgem aí as origens do axé, palavra utilizada pelos baianos para designar o gênero musical que mistura o frevo, o maracatu, o reggae, o calipso aos sons de raízes africanas: o afoxé. Segundo a etnolinguista, professora Yeda Pessoa de Castro, o afoxé é um “cortejo carnavalesco da Bahia, no qual predomina a característica africana nas roupas, cânticos e instrumentos musicais.” (CASTRO, 2005).

¹Expressão utilizada pelos próprios baianos para demonstrar o lado artístico de seu povo.

²Paulo Dourado é professor de Teatro da UFBA e Diretor Cultural do SBPC Cultural, uma das vertentes da SBPC- Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

³Cf. <http://www.sbpccultural.ufba.br/identid/semana8/dourado.html> Acesso em: 10-08-2011).

⁴ Instrumento criado por Dodô para evitar a microfonia do violão elétrico, criado Benedito Chaves, também conhecido como pau elétrico.

Ainda nas palavras da professora Yeda, o axé em uma de suas designações, é uma “saudação votiva afro-brasileira, equivalente a ‘força, energia’, ou amém.” (CASTRO, 2005).

A palavra *axé*, utilizada correntemente na música carnavalesca baiana, foi acrescida por um jornalista¹, por outra de origem inglesa, *music*, surgindo assim o *axé music*. Com a ajuda da mídia, o *axé music* se fortaleceu extrapolando o carnaval e produzindo sucessos musicais durante todo o ano, se espalhando pelo país e fora dele através das realizações dos carnavais fora de época, as micaretas².

Segundo PEREIRA (2010):

A Axé-music não é considerada um gênero ou um movimento musical, mas uma etiqueta mercadológica usada para classificar uma vertente da música baiana que faz uso de uma fusão de ritmos como caribenhos, africanos e “elétricos” numa roupagem pop-rock, para se constituir como o invólucro do produto Bahia.

O marco da *axé music* para alguns teria acontecido a partir de Moraes Moreira que fazia parte do grupo Novos Baianos e teve a ideia de subir em um trio para cantar. Até então, o trio era apenas instrumental. Para outros, a música “Fricote” de Luís Caldas e Paulinho Camafeu teria sido esse marco, uma vez que os compositores aliaram o frevo ao ritmo afro. Mas o que importa aqui, é que a *axé music* vem crescendo ao longo do tempo e continua levando a Bahia par ao cenário nacional e internacional. A chamada “indústria do axé” espalha seus artista e seu som por todos os cantos. Na década de oitenta, a expansão do axé se alia às coreografias sensuais, levando às mudanças musicais. A partir dos anos noventa, o pagode toma lugar na Bahia e as bandas desse gênero começam a tomar fôlego.

O carnaval da Bahia então se mistura entre o axé, os ritmos afros, os pagodes e as coreografias exóticas e eróticas permanentemente criadas que vão encher os ouvidos e os olhos de quem participa desse espetáculo.

É nesse contexto que o jogo das letras das músicas, talvez para aguçar mais o sensualismo e erotismo das danças que acompanham essas

¹ Hagamenon Brito, jornalista do sul do Brasil que se tornou crítico musical do Jornal Correio da Bahia, desde 1993.

² Desde a década de noventa, as micaretas exportam o carnaval baiano, em diversos períodos do ano: Carnatal (Natal, no RN), Fortal (Fortaleza, CE), Pré-Caju (Aracaju, SE), Axé-Brasil (Belo Horizonte, MG) etc.

músicas, começa a lançar mão de frases com duplo sentido, a partir da utilização de paronímias em suas letras.

3. *Relações de sentido na língua: a paronímia*

Os estudos lexicais perpassam por diversas possibilidades. Dentre elas, a da representação dos sentidos dos enunciados, estudada pela Semântica servirá como referencial teórico deste artigo. Conforme no exemplo aplica o célebre *Dicionário de Linguística* do Professor Jean Dubois:

A teoria semântica deve explicar as regras gerais que condicionam a interpretação semântica dos enunciados, como a teoria fonológica deve explicar as regras fonológicas universais, das quais as línguas não utilizam, senão um subconjunto. (DUBOIS, 1973)

Uma tentativa de análise lexicológica e semântica pode abranger diversas perspectivas e uma delas inclui as relações de sentido existentes entre as lexias. Essas relações podem ser de diversos tipos: *sinonímia*, *antonímia*, *polissemia*, *homonímia*, *paronímia*.

1. *Sinonímia*: palavras distintas que apresentam identidade de significado, em sentido amplo ou restrito, ou semelhança de significado, em sentido amplo: *alvo/branco*, *roubar/furtar*;

2. *Antonímia*: propriedade de duas formas terem significações opostas: *alto/baixo*, *feio/bonito*.

3. *Polissemia*: pluralidade significativa de uma mesma palavra, dependente do contexto e da situação: *planta* ‘*substantivo*’ e *planta* ‘*verbo*’;

4. *Homonímia*: diferença de significado de palavras coincidentes. Vale acrescentar que não se pode estabelecer uma fronteira estrita entre a *homonímia* e a *polissemia* no plano sincrônico; diacronicamente são *homônimas* as palavras foneticamente idênticas provenientes de étimos diferentes: *manga* ‘*fruta*’ e *manga* ‘*da camisa*’;

5. *Paronímia*: palavras que apresentam grafia e pronúncia semelhantes, mas com significados diferentes, o que provoca, com certa frequência, confusão de interpretação: *despensa/dispensa*, *flagrante/fragante*.

Das relações supracitadas, observou-se que nas músicas carnavalescas baianas as relações de sentido, mais precisamente as paronímicas, sempre foram frequentes.

Parônimo é uma palavra que apresenta sentido diferente e forma semelhante da outra, o que provoca, com alguma frequência, confusão. Essas palavras apresentam grafia e pronúncia parecidas, mas possuem significados diferentes. Parônimos podem ser também palavras homófonas, ou seja, a pronúncia de palavras parônimas pode ser a mesma.

Não é de agora que as letras de músicas baianas se utilizam desse recurso linguístico de “duplo sentido” das palavras. Para que isso ocorra, lançam-se mão de palavras parônimas para “apimentarem” o contexto das músicas de axé, pagode, samba, e os diversos ritmos que circulam no carnaval baiano.

O ano de 2011 foi marcado por uma dessas músicas que foi escolhida como a melhor e mais tocada no carnaval. Não se sabe se o jogo entre as palavras aliado ao resgate da infância de uma geração que conheceu os Super Amigos teve alguma influência nessa escolha. Só é sabido que, esse tipo de música, independente de agradar ou não, penetra em nosso cérebro e quando se vê, se está sem querer (ou querendo) cantando os seus refrãos.

A música *Liga da Justiça* da Banda LevaNoiz¹, classificada como banda de pagode, recebeu no carnaval de 2011 os títulos de ‘Banda Revelação 2011’ e ‘Melhor Música do Carnaval 2011’, pelo Troféu Band Folia. Através de votação popular, a canção *Liga da Justiça* também levou o prêmio de ‘Melhor Música do Carnaval’, pela pesquisa Bahia Folia, realizada pela Rede Bahia. Já na votação da Rádio Itapoan, rádio FM local líder em audiência, além do troféu de ‘Banda Revelação’ e ‘Música do Carnaval 2011’, o vocalista André Ramon levou ainda o título de ‘Cantor Revelação’.

Um dos jornais locais² baiano publica a seguinte manchete em fevereiro deste ano, diante do sucesso da música *Liga da Justiça*: “PAGODÃO SUSSEXO: MÚSICAS DE DUPLO SENTIDO ROUBAM ESPAÇO DO AXÉ NA FOLIA DESTES ANOS” (CORREIO 24 horas, 2011)

¹O grupo LevaNoiz é formado atualmente pelo vocalista André Ramon, as dançarinas Cica e Milena Matos e mais os músicos Urso (baixo), Hel (guitarra), David Matos (bateria e direção musical), Matheus, Vitor, Au Pitta e Marcos Paulo (percussão) e Fabinho (backing vocal).

² *Correio 24 Horas* – Salvador (BA), 24 de fevereiro de 2011.

Um dos compositores da música, Jota Teles diz o seguinte sobre a sua composição em um site da internet¹:

O parto de Coringa, Pinguim, Lex Luthor e dos Superamigos começou pelo refrão. “Minhas letras são de duplo sentido. Compus primeiro o refrão porque o povo gosta de sacanagem”, explicou Teles. O povo adora, mas ele... _Não gosto de escrever (letras de duplo sentido), mas tenho que ser profissional_ confessou.

4. *Foge, foge, você tá no pau: relações paronímicas nas músicas do carnaval da Bahia*

A semelhança entre palavras, seja na grafia, seja na pronúncia, pode ser demonstrada há muito tempo na música baiana.

Em uma matéria, o Fantástico², programa de jornalismo que vai ao ar aos domingos em uma emissora nacional, abordando a questão da utilização do duplo sentido nas músicas do carnaval baiano, teve a seguinte resposta de um antropólogo local:

As canções populares da Bahia e do Brasil como um todo sempre foram maliciosas. Na Bahia, tem uma palavra que sintetiza bem isso, que é a palavra “brincadeira”, brincadeira com libidinagem.

Isso nos mostra que esse jogo intencional das palavras não é coisa moderna e faz parte da cultura local.

Escolheu-se para demonstrar essas relações paronímicas duas músicas do carnaval baiano de 2011 e uma do carnaval de 1986. A partir dessas letras de músicas visa-se esclarecer que esse recurso linguístico não é utilizado apenas nos dias atuais e que ele faz parte do carnaval baiano. Seguem as relações paronímicas encontradas nas seguintes situações linguísticas de algumas músicas baianas:

Foge/fode - No contexto, em um jogo que pretende em seu refrão, explorar questões sexuais, essa lexia pode ter um único fonema trocado e o seu sentido totalmente modificado: *foge/fode*. Ambas as lexias fazem sentido no texto, daí essa ambiguidade de significações nos levar a utilização desse jogo fonológico para cantar o “proibido” escondido por uma

¹ Conf. <http://www.pida.com.br/2009/junniordocavaco/site/index.php>. Acesso em: 10-08-2011.

² Trecho de uma entrevista com o antropólogo da Universidade Federal da Bahia, Roberto Albergaria, em uma matéria jornalística que foi ao ar no dia 31/07/2011 do quadro “Repórter por um dia” do programa Fantástico exibido na Rede Globo.

inocente história de fuga. Tirando o imaginário infantil que vivenciou na década de oitenta uma “Liga da Justiça” infalível, o maior constrangimento dessa letra seria essa desmistificação e o enfraquecimento de uma Liga, outrora imbatível, agora “toda dominada”.

Superman ficou fraco
O Pinguim jogou kriptonita
Lex Luthor e Coringa
Roubou o laço da Mulher Maravilha (2x)

Liga da justiça toda dominada
Agora só tem uma saída

Foge, foge Mulher Maravilha
Foge, foge com Superman (4x)

Você é minha maravilha e eu
Sou seu superman
No swing aqui do leva eu

Quero você meu bem! (2x)
(repete tudo de novo) ¹

Você tá/ boceta – outro processo paronímico, ainda no carnaval recente, é a expressão citada, que também pode ser confundida com toda intencionalidade que o contexto permite, por outra lexia que remete ao órgão sexual feminino apenas a partir da troca de um fonema e o jogo de pronúncia oscilando entre um paroxítono e um oxítono: *você tá / boceta*. Aqui a lexia que estabelece a relação paronímica se confunde com um substantivo considerado de baixo calão na nossa língua. Mais uma vez, o “proibido” fica permitido porque, apesar de explicitamente cantado, o contexto explica que estar-se falando de uma firma cujo nome é *Você Tá*. A expressão “botar no pau”, também de uso popular, significa ‘processar, entrar com ação judicial’. O fato de colocarem a *Você Tá* no Pau justificase pela demissão injusta da prima do narrador/cantor.

Outra expressão de uso popular utilizada nesta letra, é “o bagulho era todo na treta” designando que a empresa agia de forma camuflada, escondendo as ilegalidades, o que justifica mais uma vez mover ação trabalhista contra a empresa, ou seja, colocá-la “no pau”.

A minha prima trabalhava numa firma chamada **Você tá**,
não era carteira assinada
O bagulho era tudo na treta!

¹ *Liga da Justiça*, composição de Márcio Victor do Grupo Psírico, lançado pelo grupo LevaNóiz no carnaval de 2011.

Mandaram ela embora sem nem 1 centavo
não deram a moral, só dei um conselho pra ela:
prima bota a *Você tá* no pau!

Bota *Você tá* no pau (x3)
Recupera essa moral!
Bota *Você tá* no pau (x3)
Recupera essa moral!¹

Apesar de o *corpus* de amostragem ser do carnaval baiano deste ano, essas relações paronímicas não são novas na música baiana. O próprio “Rei do Axé”, Luís Caldas em parceria com Paulinho Camafeu, trazem esses jogo de duplo sentido em uma de suas músicas, *Fricote*². O duplo sentido aqui se dá com partes do corpo humano e a *bochecha* pode ser confundida com a *boceta*, apelando-se mais uma vez para as questões sexuais com palavras consideradas de baixo calão.

Nega do cabelo duro
Que não gosta de pentear
Quando passa na Baixa do Tubo
O negão começa a gritar

Pega ela aí, pega ela aí

Pra que?
Pra passar batom
De que cor?
De violeta
Na boca e na *bochecha*

Pra que?
Pra passar batom
De que cor?
De cor azul
Na boca e na porta do céu

As músicas de duplo sentido agradam ao público e, a indústria carnavalesca explora essas letras de maneira, muitas vezes, exagerada. A cada dia novas músicas chegam ao mercado. Mas o duplo sentido como pensam alguns, não “empobrecem” essas músicas. Até porque, grandes nomes da música brasileira, já se utilizaram do duplo sentido em suas músicas e isso não as tornaram ruins ou vulgares, muito pelo contrário. Podemos citar Chico Buarque juntamente com Gilberto Gil que, durante

¹ *Funk da Prima*, compsição e gravação do grupo Saidy Bamba no carnaval de 2011.

² *Fricote*, composição de Luís Caldas e Paulinho Camafeu, gravação de Luis Caldas no carnaval de 1986.

o período da Ditadura Militar no Brasil, compuseram uma música em que, em seu refrão, o *cálice*, repleto de vinho tinto e sangue simbolizando a violência, poderia ser confundido com a vontade de dizer *cale-se*, em um período em que falar era proibido e a voz era silenciada pelo sangue:

Pai! Afasta de mim esse *cálice*
Pai! Afasta de mim esse *cálice*
Pai! Afasta de mim esse *cálice*
De vinho tinto de sangue

Uma reportagem no *Correio 24 Horas*¹, o antropólogo Roberto Albergaria declara que os pagodeiros estão perdendo a criatividade. Para ele as letras de duplo sentido estão dando lugar pouco a pouco às composições onde o sexo é abordado de forma totalmente escancarada, onde as composições que deixam muito explícita a sexualidade acabam por esgotar o caráter criativo do pagode.

Eles perderam a criatividade pornopoética. O pagode está perdendo o mais legal, o bom humor do duplo sentido com letras bem construídas. (ALBERGARIA, *Correio 24Horas*, 2011)

Mas o professor Albergaria declarou-se também um amante da pornofonia que, segundo ele, é a mistura de música e ousadia. E encerra sua entrevista remetendo a outro grande nome na arte da linguagem baiana, o poeta Gregório de Mattos que viveu no século XVII: "A maledicência é uma tradição baiana desde Gregório de Mattos. E o pagode é música para esculhambar".

5. Considerações finais

Léxico e cultura são inseparáveis. A linguagem utilizada por um povo é o seu mais fiel retrato cultural. Apesar do *corpus* limitado, pôde-se observar, a partir a relação paronímica em músicas do carnaval baiano, que o jogo de troca de palavras, como artifício de um gênero musical próprio de um período descontraído como o carnaval, não poderia deixar de trazer traços de um povo que gosta de brincar com o sentido das coisas. Na Bahia, tudo parece cheio de ginga e de arte. E, ginguando com as frases, as músicas carnavalescas têm se utilizado do recurso lexical das relações de sentido da língua. A partir de paronímias, o "proibido" fica "permitido" e da criança ao idoso ouvem-se os sons oscilantes entre o fo-

¹ <http://www.correio24horas.com.br> 24/02/2011.

ge e o fode, a bochecha e a boceta, trazendo lexias de baixo calão para o coro popular em uma festa que acolhe não só baianos, mas gente do mundo inteiro. Embalados ao som dos trios elétricos, extasiados com as coreografias eróticas que são criadas para acompanhar as letras de duplo sentido, os foliões participam dessa festa em uma terra em que o carnaval começa em uma quarta-feira e só acaba na outra, sem contar com todo o verão de ensaios de bandas e lavagens de quase todos os lugares, seguidos das “ressacas” de cada uma dessas festas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBADE, Celina Márcia de Souza. O estudo do léxico. In: *Diferentes perspectivas dos estudos filológicos*. Salvador: Quarteto, 2006, p. 213-225.

CANDÉ, Roland de. *História universal da música*. 2 volumes. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CASTRO, Yeda Pessoa. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro, 2005.

COSERIU, E. *Sincronia, diacronia e história*. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

PEREIRA, Ianá Souza. Axé-axé: o megafenômeno baiano. *Revista África e Africanidades*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 8, fev. 2010. Disponível em: http://www.africaeaficanidades.com/documentos/Axe-axe_mega_fenomeno_baiano.pdf. Acesso em: 10-08-2011.

[http://www.correio24horas.com.br/24 de fevereiro de 2011](http://www.correio24horas.com.br/24_de_fevereiro_de_2011). Acesso em: 10-08-2011.

<http://fantastico.globo.com/Jornalismo>. Acesso em: 10-08-2011.

<http://www.sbpcultural.ufba.br>. Acesso em: 10-08-2011.